

CHICO SCIENCE: PARA ALÉM DE UM MALUNGO FASHION

Chico Science: Beyond a Fashion Malungo

Moura, Mariama da Mata Leite;
Mestranda, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil,
mariamadamata@hotmail.com¹

Rocha, Maria Alice Vasconcelos
PhD, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil
modalice.br@gmail.com²

Resumo: O movimento Mangubeat surgiu por volta da década de 1990 na Região Metropolitana do Recife, na época considerada como a 4ª pior cidade para se viver no país. O objetivo deste estudo é fazer uma análise da estética, do corpo e da moda de um dos seus líderes, Chico Science, que ainda é considerado um ícone e um produto cultural importante da cidade do Mangue.

Palavras-chave: Mangubeat, Estética, Corpo, Moda.

Abstract: The Mangubeat movement emerged in the 1990 at the metropolitan region of Recife, at that time considered as the 4th worst city to live in the country. The aim of this study is to make an analysis of the aesthetic, body and fashion of its leader, Chico Science, who is still considered an icon and an important cultural product of the city of mangrove.

Keywords: Mangubeat, Aesthetics, Body, Fashion.

Introdução

A importância do movimento Mangubeat no contexto cultural do Recife se deu ao inverter a lógica hegemônica de que a moda segue o caminho do centro para a periferia se construiu uma estética própria identificada com os elementos culturais do estado e região, se estabelecendo como produtor (criador) e não apenas um consumidor de cultura.

Com a morte de Chico Science, um dos líderes que marcou o movimento, criou-se uma referência muito forte para a cena cultural do Recife, além disso, tornou-se também um produto a ser consumido pelos jovens, e referência para surgimento de novas bandas que buscam se inspirar no Mangubeat.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social da Universidade Federal Rural de Pernambuco e Bolsista da CAPES. Graduada em Tecnologia em Design de Moda pela Faculdade Senac de Pernambuco.

² Professora Orientadora. PhD in Fashion Design - University for the Creative Arts / University of Kent, É membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social da Universidade Federal Rural de Pernambuco e do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco.

Portanto, neste artigo analisaremos a estética, o corpo e a moda deste líder e vocalista das bandas Chico Science & Nação Zumbi, Lostal e Orla Orbe³, este artista pernambucano foi e é ainda um fenômeno que se destaca/ou na música e na cultura Pernambucana.

Este movimento cultural na qual Chico liderou se manifestou na Região Metropolitana do Recife diante de um caos que a cidade vivia como sendo a 4^a pior cidade para se viver e veio para movimentar a cidade através de festas e diversão que acabou virando um movimento importante para os recifenses.

Mesmo com a sua morte no auge da sua carreira, em 2 de fevereiro de 1997 devido a um trágico acidente de carro na cidade do Recife. Não deixou seu legado perdido, uma das comprovações foi a homenagem no Galo da Madrugada em 2016 e a representação de seu rosto estampado em diversos tipos de vestimentas, alguns acessórios famosos que virou um símbolo e sua marca registrada: o chapéu de palha e os óculos e além disso teve o Maracatu, o Caranguejo e bandeira de Pernambuco que também tornaram identidades importantes e foi muito destacado pelo cantor Science, na qual usou em sua curta carreira, que hoje representam como partes da estética do Malungo Chico. Além da vestimenta e acessórios, ele tornou um ícone que inspirou muitos fãs e artistas, principalmente, na música.

A presente pesquisa tem abordagem qualitativa, baseada em estudo de levantamento bibliográfico, artigos científicos, periódicos e fotografias, buscando informações sobre as temáticas da Moda, da Estética e do Corpo que fizeram parte do movimento Manguebeat e principalmente do líder Chico Science que será nosso objeto de estudo. Esses temas norteiam a pesquisa por serem elementos fundamentais para compreender a Identidade simbólica do Malungo⁴.

Movimento Manguebeat

Segundo o Manifesto Mangue⁵ uma “cínica” noção de "progresso", elevou a cidade do Recife ao posto de "metrópole" do Nordeste, mas sinais de uma

³ A banda Chico Science&Nação Zumbi ainda existe, mas é conhecida apenas como Nação Zumbi. A outras bandas, Orla Orbe e Lostal não existem mais.

⁴ Termo usado para definir Chico Science.

⁵ Manifesto Mangue criado pelos integrantes do movimento Manguebeat, Fred 04(Líder da Banda Mundo Livre S.A)

possível esclerose econômica se manifestavam já no início dos anos 60 com o agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano⁶. Nos anos 90 o Recife detinha o maior índice de desemprego do país, mais da metade dos seus habitantes moravam em favelas e alagados e segundo um instituto de estudos populacionais de Washington, a capital pernambucana era a quarta pior cidade do mundo para se viver (CAMPOS, 2013).

É nesse cenário histórico e social que surge um movimento cultural que ficou conhecido no mundo como Manguebeat e que com o decorrer do processo de criação e consolidação ganhou, além da dimensão artística, dimensão política, o que, articula este movimento ao que chamamos de novos movimentos sociais⁷. De acordo com o Manifesto Mangue o objetivo dos jovens artistas era o de “recuperar a alma da cidade”.

Diziam eles:

[...] Não é preciso ser médico pra saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruir as suas veias. O modo mais rápido também, de enfiar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários [...] (CAMPOS, 2013,p.1)

Este movimento ampliou o espaço da capital Pernambucana no que se refere ao mercado de produtos culturais. É expressivo o número de músicos que afirmam ainda hoje que foram e são influenciados pelo Manguebeat e que, quase três décadas após a sua criação, de alguma forma reivindicam a identidade de herdeiro do movimento na atual cena cultural do Recife.

Este estudo faz parte da pesquisa que vem sendo realizada em nível de mestrado, que pretende compreender a identidade e o consumo do movimento Manguebeat na cena atual do Recife. Ao analisarmos quais são as formas de articulação entre consumo e identidade, a partir de produtos culturais, estaremos de certa forma lidando com esta concepção de consumo de cultura e identidades, o que viabiliza o aprofundamento em um campo ainda pouco

⁶ “A partir da segunda metade dos anos 60 (...) com o acentuado êxodo rural, aumentou o problema da moradia, do desemprego e, conseqüentemente, da miséria e violência nas cidades.” (TEIXEIRA, 2005), em Recife não foi diferente, neste período a cidade já vivenciava problemas relativos a acelerado processo de urbanização.

⁷ Segundo Laclau (1986) será com o surgimento de movimentos centrados em questões identitárias, também denominados de “novos movimentos sociais”, que a problemática do sujeito passou a ser tratada de forma diferenciada na teoria sociológica. Esses movimentos, tendem a criar e politizar espaços alternativos de lutas. Os “novos movimentos” que surgem na América Latina não se baseiam mais em um único modelo totalizante de sociedade, como ocorria anteriormente. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/download/.../12489> em 25 Jan/16.

explorado de debate. No caso do Manguebeat, com a morte de Chico Science, criou-se uma referência muito forte para a cena cultural do Recife.

Essas influências podem ser percebidas nas afirmações de vários artistas, bandas e integrantes que fizeram parte e viveram nesta cena cultura, citamos alguns: Nação Zumbi (Du Peixe), Mundo Livre S.A (Fred 04), Mombojó, Banda Eddie, China, Karina Buhr, Dj Dolores, Renato L. e outros, fato também reafirmado na homenagem que fez a cidade do Frevo, através do seu bloco mais popular (o Galo da Madrugada) que comemorou os 50 anos de nascimento Chico Science (Figura1).

Figura 1-Chico Science homenageado no Galo da Madrugada (2016).



Como o corpo, a moda e a estética são objetos que assumem valores simbólicos relevantes na Sociedade de Consumo. Iremos destacar acerca destas temáticas a fim de compreender como o ícone Chico Science ainda influencia no consumo dos Recifenses.

Estética

Com o movimento Manguebeat surgiu uma identidade cultural muito forte, ou melhor dizendo, uma estética que abriu portas para muitas gerações de bandas e músicos e não só neste meio, mas também na Arte, na Moda e até mesmo na linguagem. Criou-se uma estética inovadora na cultura pernambucana agregando a mistura do que é local com o internacional (regional e o pop), já que nos anos 90 apenas a estética Armorial (tradicional) era a predominante no Recife e só se tocava na rádio música internacional e nacional.

A partir do momento em que o movimento Manguebeat teve a ousadia de criar uma nova batida para a música, a cidade ficou conhecida mundialmente

pela sua capacidade de produzir algo diferente e inovador, e além disso, por mostrar uma diversidade cultural que foi se instalando no Recife sem perder sua origem. Segundo Fred 04 (líder da banda Mundo Livre s/a), em entrevista ao documentário sobre o Movimento Mangubeat gravado na TV Cultura, o movimento tinha uma analogia de Diversidade do Ecossistema Mangue e a diversidade Cultural da Cidade.

Para entender melhor a questão da estética do movimento Mangubeat é relevante entender a análise de pensamento dos autores Ariano Suassuna e Terry Eagleton em relação ao conceito de estética.

Suassuna (2008) afirma que se não é negada a filosofia, não existe dificuldade em definir a Estética. “Tradicionalmente a estética era definida como a Filosofia do Belo” (p.21)., e o Belo era uma característica do objeto, no qual, era captado e estudado.

Platão afirma que a beleza de um objeto depende da maior ou menor comunicação que ele tem com uma beleza superior, absoluta, divina, única Beleza verdadeira, que subsiste, por si só, no mundo supra-sensível das Essências; e Aristóteles ensinando, logo depois, que a beleza do objeto depende da ordem ou harmonia que existe entre suas partes. A nenhum dos dois, porém, ocorreria que a beleza não é uma propriedade do objeto, algo que se encontra no objeto, e sim uma construção do espírito do contemplador colocado diante do objeto (SUASSUNA, 2008, p. 29).

A estética surgiu como manifestação sobre o corpo. Segundo o filósofo alemão Alexandre Baumgarten, a expressão não se referiria primeiramente à arte, mas, a toda a região da impressão e sensação humanas, ou seja, existe algo na estética que escapa à razão (EAGLETON, 1990).

No que se refere à estética do movimento Mangubeat e Chico Science são amplamente identificados com a concepção do “faça você mesmo”, criando uma identidade visual. Por tal motivo, os elementos que compõem a estética serão analisados a partir da identidade visual que criaram e passam a identificar o movimento através das fotografias, roupas dos integrantes, grafitagens, nas músicas e entre outras manifestações.

Essas manifestações foram associadas ao corpo, importante para a mobilização do movimento Mangubeat, portanto entraremos no entendimento do conceito de corpo analisados pelos autores(as) Neto , Le Breton e Castilho

como formas de entender a expressão e mobilização para salvar o Recife da situação caótica que se encontrava em 1990. Além disso, criaram formas de comunicação simbólicas por gestos entre eles; quando se cumprimentavam com a mãos faziam “gestos de caranguejo” (Figura 2)

Figura 2: Chico Science (<http://groovegrave.blogspot.com.br/2007/02/leco-chico-science.html>)

Figura 3. Iconográfico do Movimento Manguebeat (<http://www.fotolog.com/pauloross/3504597/>)



Adicionalmente, outras identidades simbólicas foram muito usadas no movimento e por Chico, com podemos ver o iconográfico na Figura 3.

CORPO

Como vimos na figura acima, o corpo, de fato, foi importante para o Manguebeat e Chico Science, usando-o como forma de se identificar. Para essa compreensão, traremos o pensamento filosófico de Viviane Mosé sobre o corpo, e também dos autores Mauron e Vieira.

Segundo a poetisa e filósofa Viviane Mosé (2012) em palestra no programa Café Filosófico sobre o tema “o que pode o corpo, ela diz que” o corpo nasceu com a filosofia”. E ela traz na palestra os pensamentos de Platão, Descartes e Nietzsche, para compreender melhor o que é o corpo. Na qual ela destaca que, Platão dizia o seguinte: “o corpo era a prisão da alma”; e Descartes analisou: “a alma independe do corpo” e por fim fechou com Nietzsche, que dizia “ tudo é corpo e nada mais”. Ainda, a filósofa Mosé (2012) traz outra reflexão em que diz: “trazer o corpo para linguagem gera contradição”, com isso a mesma

conclui dizendo que “o corpo é vivo e tudo que é vivo necessariamente é contraditório”, ou seja, “a linguagem separa, mas o corpo junta”.

Sobre uma breve perspectiva da história em relação ao corpo, nos faz entender que o corpo sempre foi usado como ferramenta de referências simbólicas, ou seja, não é algo novo. Alguns estudiosos contemporâneos, também usam o argumento que o corpo é referência simbólica, principalmente no sistema atual capitalista que se apropria constantemente do corpo como símbolo e significados para o seduzir o consumidor.

Trazendo o conceito do corpo na compreensão da sociedade de consumo, nada mais relevante trazer um pouco da colocação do pensador pós-moderno, o sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard (2007,p.136), em que menciona “*o corpo é o mais belo objeto de consumo*”. Se pararmos para refletir, no nosso cotidiano estamos vulneráveis a diversos tipos de corpos: corpo como mercadoria, corpo como significados simbólicos (signos), corpo como instrumento de trabalho, corpo como cultura, enfim defini-lo, é uma das tarefas mais difíceis por sua complexidade.

Segundo Maroun e Vieira (2008, p.172), “o corpo é um dos objetos que assumem valores simbólicos relevantes na atualidade, despertando interesse das pessoas e da mídia, podendo ser interpelado pela lógica da cultura de consumo”.

Na perspectiva de Le Breton (2007, p.7)

O corpo depende de um conjunto de sistemas simbólicos. É através do corpo que nasce e se propaga as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais de fato a existência do corpo toma forma. É através do corpo, que o homem se apropria da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo –se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. O corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de um dado espaço social e cultural.

Baudrillard (2007, p.136), questiona o corpo não é a própria evidência?

Parece que não: o estatuto do corpo é um facto de cultura. Ora seja em que cultura for, o modo de organização da relação ao corpo reflete o modo de organização das relações sociais. Na sociedade capitalista, o estatuto geral da propriedade privada aplica-se igualmente ao corpo, à prática social e à representação mental que dele se tem.

E como vislumbrou o filósofo Foucault (1987 apud Maroun e Vieira, p.181), “a nossa sociedade do lucro passava a investir diretamente no corpo”. O que

antes o corpo era como visto como algo que recobria, que o obrigava, que o enfeitava através de roupas, cosméticos, filmes e revistas. Hoje é o corpo que querem vender. É a mercadoria que pretendemos comprar.

De fato, se percebe diante do estudo que o corpo atualmente se tornou objeto de estudo e que no caso de Chico ele tinha uma expressão corporal muito marcante que terminou virando signos desde a sua forma de dançar e aos gestos que ele fazia durante sua apresentação em shows como forma de expressar sentimento e também de comunicação para que o espectador entendesse a mensagem que ele queria passar e acabou virando uma identidade que ainda é usada até hoje por muito inspiradores do Chico, como podemos ver na Figura 4 a forma como ele expressa com as mãos e o corpo.

Figura 4: Chico Science Fonte: (<https://pernambucoimortal.wordpress.com/author/decoizidoro/>)



Segundo Neto (2009, p.16) ao falar de Chico Science, disse que:

Ele era um contador de história que tratava o tempo como um brinquedo e tentou expressar sua mensagem através de uma linguagem corporal, de expressões faciais e versos bem dinâmicos.

Portanto como podemos ver no relato o corpo foi um canal importante no movimento Manguebeat, por isso, seria pertinente tratarmos sobre a compressão do corpo para melhor entender como foi usado este elemento se foi como “ arma” ou “reconhecimento” desta mobilização de jovens Recifenses.

O corpo para Le Breton (2007, p.7) é um vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída.

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem

apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo –se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. (LE BRETON,2007, p.7)

Sendo emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de um dado espaço social e cultural (LE BRETON, 200,p.8).

De acordo com Katz (2008, p.69):

Corpo é sempre um estado provisório da coleção de informações que o constitui como corpo. Esse estado vincula-se aos acordos que vão sendo estabelecidos com os ambientes em que vive. Quando se pensa o corpo por essa proposta de co-dependência com o ambiente, pode-se entender melhor o alcance do que Walter Benjamin (1968) dizia quando observou que, quando o corpo muda, tudo já foi transformado.

Ainda Katz (2008, p.69) diz que [...]o pensamento hegemônico, apresenta o corpo como um processador. Ele entra em contato com as informações, as processa e, depois disto, as expressa para o mundo. Por se trata de um corpo-veículo-de-comunicação, um corpo recipiente pelo qual as informações do mundo entram, são processadas e, em seguida, devolvidas para o lugar de onde vieram.

A famosa frase do Chico Science “*o passo à frente você não está mais no mesmo lugar*” me fez interpretar que talvez o corpo foi importante para mobilizar o movimento da cena cultural que o Recife se encontrava em 1990. Neste caso podemos compreender o corpo como meios de expressão de sentimentos em relação ao que os jovens estavam vivendo na cidade caótica e estagnada, ou seja, tudo parado, a cidade era um vazio. Não se tinha nada para fazer. Diante desta situação, os magueboys tiveram a ideia de movimentar a cidade fazendo “festas”.

Quando essa “diversão” passou a ficar séria começa-se a pensar em uma cooperativa cultural”, logo em seguida, veio a se tornar um movimento cultural, podendo canalizar expressões no mundo a fora, relatando as dificuldades da cidade do Recife através da música, do cinema e da arte, isso ficou bem claro nas músicas do Chico Science & Nação Zumbi. De uma forma ou de outra foi o caos que impulsionou o corpo dos jovens magueboys e maguegirls para que se juntassem coletivamente e construíssem uma nova “realidade” para sua

cidade injetando vida na urbe por meio da música, arte, cinema, moda, dança, poesia e etc.

Outra forma de usar o corpo pelo Movimento Mangue foi criando símbolos que representavam o Recife usando o movimento do caranguejo com as mãos e na dança, o mangue, as vestimentas do maracatu, o chapéu de palha de pescador e bandeira de Pernambuco. Além da música também era através do corpo que os mangueboys usavam de forma poética para exprimir suas angústias e que precisavam fazer o Recife crescer e foi graças a esse movimento que a cidade do mangue se tornou referência em termos de cultura, música e outros meios artísticos.

MODA

De acordo com Cidreira (2005,p.30), a Moda é oriunda do latim *modus* que significa maneira, e é assim designado como maneira, modo individual de fazer, ou uso efêmero que regula a forma dos objetos materiais, no caso, as vestimentas. Portanto a moda é a maneira de ser, modo de viver e de se vestir.

A moda não é uma realidade pertencente a todas as épocas, nem a todas civilizações. Assim como outras instâncias da vida, é uma construção cultural, histórica, localizável no tempo e no espaço. Os povos primitivos desconheciam completamente este conceito, ainda que suas indumentárias nos sirvam hoje como fonte histórica e como referência estética. (CIDREIRA, 2005, p.41)

Concordando com Cidreira, analisando bem a moda, no caso do movimento Manguebeat, poderíamos caracterizar que veio como uma forma de significação e manifesto, mesmo sabendo que a moda é efêmera, o que não aconteceu ao caso de Chico Science. Talvez com a sua morte, tenha reforçado a “eternidade” da moda “mangueboy” ou “malungo”, como uma referência estética e identificação do movimento, ou seja, lançou a moda nas vestimentas que muito jovens que usam símbolos como: o caranguejo e a imagem do próprio Chico Science. Além disso, dois acessórios que fizeram parte do figurino do cantor; os óculos escuros e o chapéu de palha, passou a ter um valor estético. O próprio Chico Science acaba se tornando um produto e um ícone da cultura pernambucana, reforçando a identidade do Recife e também dos mangueboys. Apesar de que, talvez trazendo para o hoje (2016), essa simbologia não tenha o mesmo significado de quando o movimento estava no auge em 1990, mas com

certeza representa o que foi o movimento Mangubeat. Como diz Lipovetsky (2009 [1987], p.27), “A moda já revela seus traços sociais e estéticos mais característicos, mas para grupos muito restritos que monopolizam o poder de iniciativa e criação”.

Diante desta fala do Lipovetsky, podemos interpretar que apesar da moda ser dinâmica, no movimento Mangubeat criou-se um traço social e estético que ficou marcado até hoje através dos elementos como as vestimentas: o chapéu, os óculos escuros e até mesmo a imagem de Chico Science estampado em camisetas (Figura 5) e até mesmo através da ousadia de criar uma nova batida na música pernambucana essa nova cultura híbrida que tornou uma identidade para mangubeat e que foi muito bem recebido mundialmente, podemos perceber nos músicos pernambucanos do pós-movimento Mangubeat, como por exemplo: Mombojó, Karina Buhr, China e outros que eles procuram sempre manter essa cultura da pernambucanidade, certo que pelo fato da sociedade ser dinâmica a moda acaba sendo influenciado por isso, mas acredito que a moda da pernambucanidade pode ser que não tenha se modificado tanto.

Figura 5: Símbolos de Chico Science contidas numa camiseta.



Foto cedida por Artur Lima (2016)

No Movimento Mangubeat, a moda teve uma forte influência de significados em relação a realidade da cidade essa foi a principal característica na música e na vestimenta. E como a sociedade é dinâmica esse significado pode até ter modificado, mas acredito que não perdeu a identidade e o estilo da pernambucanidade de fazer música e moda.

Para Simmel (2008, p.9):

A moda expressa, da forma mais visível e concreta, a realidade essencialmente dialética e dinâmica da sociedade, feita de interconexões e liames, mas também de inevitáveis conflitos entre os indivíduos, entre as múltiplas e diferentes formações sociais, entre os indivíduos e os grupos ou as classes.

Entender o vestir não tem a ver apenas com significado de transmissor de mensagem, mas também entender a relação que ela estabelece com o indivíduo e a sociedade e me parece ser justamente isso que aconteceu com o movimento manguebeat além do símbolo que estar exposto no vestimentar como o caranguejo por exemplo, tem-se toda uma relação histórica com o que está acontecendo na cidade que os recifenses estavam vivendo nos anos 90, como podemos analisar que

[...] a peça vestimentar não pode ser apenas concebida como um mero transmissor, nos aproximamos da dimensão formante presente na dinâmica da moda, e nos damos conta de que é preciso apreciar não apenas o sentido vestimentar isoladamente, mas também a relação que ela estabelece entre o indivíduo e sociedade. Pensar, talvez, a vestimenta como uma forma simbólica e enquanto tal, como expressividade plástica de uma identidade situacional e projetiva. (CIDREIRA,2005, p.29-30)

“o parecer não é mais signo estético de distinção suprema, uma marca de excelência individual ,mas tornou-se um símbolo total que designa uma faixa de idade, valores existenciais, um estilo de vida deslocado, uma cultura em ruptura, uma forma de contestação social”.(LIPOVETSKY 1989 apud MONÇORES, 2006,p.84)

Mesmo em meios do caos que o Recife se encontrava, foi preciso injetar cultura e essa foi uma estratégia para mobilizar os jovens Recifenses para mostrar a criatividade dos Pernambucanos em fazer música, moda e arte. Eles não só lançaram moda nas vestimentas, mas também na arte de fazer a coisa acontecer. Isso acabou influenciando a muitos outros artistas do Recife, do Brasil e do Mundo, pois viam no movimento como algo “inovador e único ” e lançando uma ideologia de aproveitar o que tem de bom do nacional e do local e internacionalizar, ou seja, a nova batida foi uma moda lançada que não deixou de se tornar efêmero e sim concretizado, para uns um estilo, para outros uma identidade ou uma estética até hoje.

Nesta cena, ficou marcado também não somente a moda nas vestimentas, mas nos espaços frequentados pelos mangueboys e manguegirls, como podemos ver no relato da pesquisadora Lira (2014) sobre o Manguebeat:

Esta cena contém estandes e música alta. Um mercado com artigos pop. O mercado pop. CDs, confecções locais como Período Fértil, Makossa, os estilistas Eduardo Ferreira, Beto Normal, entre outros; bolsas e sapatos alternativos da ZAZ, FAG; instrumentos musicais regionais, bijuterias, acessórios, camisetas, incenso, trabalhos

artísticos. Um DJ apresenta sons através da Rádio Lama, veiculada para um público do mercado. Skatistas e demonstrações muitas vezes fazem parte da programação. Capoeira, teatro de rua, vampiros de jogos RPG, maracatus (Lira, 2014, p.82)

Ainda teve outro espaço que era moda nos anos 90, a Soparia do Pina, segundo a autora Paula Lira (2014), que ficava na praia do Pina e o dono era Roger Renor (hoje [2015] ele é dono do projeto batizado de Som na Rural), esse espaço era considerado um lugar onde as bandas se apresentavam e ficavam conhecidos.

Como pudemos perceber o movimento Manguebeat canalizou uma diversidade de identidade, estilo, moda e estética no Recife, é justamente essa diversidade que foi defendida pelo movimento. Diante das leituras sobre o movimento manguebeat percebi quase que unanime, os autores falarem que o movimento começou a surgir através de festas no qual os mangueboys e manguegirls mobilizaram para dar vida a cidade caótica.

Essa mobilização representou para os jovens um sentimento de mudar a situação do Recife com isso começou as festas em busca de diversão, que depois tornou-se uma diversão levada a sério que fez toda a diferença para o mercado musical e outras áreas de profissões isso deu uma reviravolta na cidade do Recife. Como diz Lipovetsky (2009[1987], p.71) nenhuma dúvida de que essa nova sensibilidade coletiva que, desde então, acompanhará indissociavelmente a época moderna tenha favorecido essa busca acelerada dos prazeres. Com isso realmente as coisas foram deixando de ser brincadeira e passou a ser influenciado pela capitalismo e mercado da música principalmente depois foi atingido outras áreas culturais, a busca pela sobrevivência era fundamental naquele momento que o Recife estava estagnado por conta da miséria e desemprego, e os jovens foram os mais afetados, por isso a busca pelo prazer foi a melhor saída para Pernambuco sobreviver da crise.

Na leitura de Lira (2014) quando se começou a lançar o Abril Pro-Rock-festival que surgiu em 1993, com o objetivo lançar as bandas que estavam começando no Recife a promover o mercado musical na cidade, logo em seguida um representante da Sony veio até Recife para contratar Chico Science. Com isso começou o estouro do movimento Manguebeat em que todos jovens artistas, começaram a se unir para mobilizar várias áreas de culturais seja na

moda, na fotografia, no vídeo, nas relações públicas, assessoria, impressa, marketing, música, etc. O Recife passou a ganhar vida com a chegada da produtora Sony Music, que era considerado um significado simbólico, pois assim abriria portas para o canal de comunicação mundial. Com isso as coisas foram sendo improvisadas gerando uma cooperativa multimídia autônoma e explosiva. Todas as tribos começaram a arregaçar as mangas para fazer alguma coisa pela cidade. Como na letra da banda Mundo Livre S/A diz “ computadores fazem arte, artistas fazem dinheiro” era disso que a cidade e os jovens estavam precisando injetar muita cultura na cidade para que os jovens saíssem da situação de desemprego.

Neste sentido parece improvável também que essa geração de artistas da qual o Mangubeat faz parte se autonomize da esfera econômica e busque a transformação estética simplesmente com base na informação de sua localidade. Promovendo um mix de ideias que abordam desde a Antropofagia Paulista ao psicodelismo da Tropicália, o Mangubeat estabeleceu uma nômade incursão por esses projetos tornando-os elementos históricos e estéticos dentro desse caldeirão multicultural proposto por seus integrantes. Porém há uma “negociação”, entre todos esses movimentos, que recria um fluxo cosmopolita e permite uma troca maior de informações ao colocar a cultura da metrópole dentro desse contexto pluralizado (Leão, 2003)

Incluindo nesse processo, o Mangubeat revela uma geração de jovens que cresceu ouvindo música pop importada de Londres e Nova York e cujo comentário estético englobaria tanto as questões referentes ao seu grupo social de origem, como o musical, quanto, sobretudo, as inúmeras expressões urbanas que, por fim, formam o núcleo central de seu questionamento (Leão, 2003)

Podemos ver através destes relatos que o movimento Mangubeat foi modificando sua forma de fazer a mobilização revolucionando e usando o mercado para sobreviver, mas essa realmente era a proposta do movimento, não dava pra viver apenas de diversão sem ganhar grana, por isso aproveitaram a oportunidade e souberam agarrar com força, para salvar o recife da miséria e desemprego que estava instalado na cidade. Por isso acredito que realmente o movimento Mangubeat foi pensado de forma estratégica e que ajudou a

resolver partes dos problemas que cidade enfrentava na década de 90. Como podemos perceber, segundo Lira (2014), Malcom McLaren revolucionou o movimento Punk, e “as lições de Malcom foram observadas atentamente pela cooperativa Mangue”. E que foram elas que ajudaram os mangueboys, sem nenhum tostão no bolso, a ganhar as páginas de cultura dos principais jornais do País.

Ainda para defender o argumento proposto na pesquisa podemos observar na fala do Dj Dolores⁸, “fala que o músico hoje não toca simplesmente um instrumento. Não apenas vende sua música, mas uma atitude, um modo de viver, ou seja, o músico configura e propaga uma imagem. E define a imagem como “um produto, que acho que é mais importante hoje no mercado fonográfico do que própria música” (Lira, 2014, p.63). Essa mostra também a importância do significado e do corpo (atitude) para vender uma imagem e transforma assim em produto e até mesmo fortalecer na moda e na estética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa e estudos sobre o movimento Mangubeat percebe-se que a moda, a estética e o corpo foram importante na construção da identidade de Chico Science e que levou também aos jovens recifenses a aderir na sua vestimenta, nos seus gestos e a usar os acessórios muitas vezes quando frequentam a um show da banda Nação Zumbi sem Chico até hoje e as camisas são mais usadas no dia a dia e até mesmo tatuagem do rosto de Chico está virando moda.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **Sociedade de Consumo**. trad.de Artur Morão. Lisboa. Ed.70,2007.

CAMPOS, Cynthia. **Mangubeat. Pesquisa Escolar Online**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: dia mês ano. Ex.: 6 ago. 2013.

CIDREIRA, Pitombo Renata. **Os Sentidos da Moda: Vestuário, comunicação e cultura**. São Paulo, SP: Annablume, 2005.

⁸ Dj Dolores fez parte do Movimento Mangubeat, como Designer e Dj, e fazia cartazes para as festas que promovia.

EAGLETON, Terry. **A ideologia da Estética**. Tradução, Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

KATZ, Helena. **Por uma teoria Crítica do Corpo**. In Oliveira, A.C e Castilho, K. **Corpo e moda; por um compreensão do contemporâneo**. Barueri, SP; Estação da Letras e cores, Editora, 2008.

LE BRETON, David, 1953. **A Sociologia do corpo**. 2ª ed. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LEÃO C. **A negociação do manguebeat: cultura pop, mídia e periferia no Recife contemporâneo**. Eco-pós-V.6, n.2, agosto-dezembro 2003. pp.95-111. Disponível em :
<http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/viewFile/1136/1077> Acesso 16.jul.2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

LIRA, Paula. **A grande serpente**. Recife: Fundarpe, 2014.

MAROUN, Kalyla; VIEIRA, Valdo. **Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade**. Psicologia em revista, Belo Horizonte. v.14, n.2, p.171-186, dez.2008.

MONÇORES, Aline Moreira. **Moda Mangue: a influência do movimento manguebeat na moda pernambucana**. Rio de Janeiro. PUC-RIO. 2006.

MOSÉ, Viviane. Café filosófico. **O que pode o corpo**. Disponível em :
<<https://www.youtube.com/watch?v=oE3aoW2xp4w>> acesso em : 07 jun 2015.

NETO, Moises. Chico Science: **a rapsódia afrociberdéliica**. Recife. Edições Ilusionistas. 2009.

SIMMEL, George. **Filosofia da Moda**. 1ª ed. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Ed. Texto&Grafia, 2008.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.